



B1

ISSN: 2595-1661

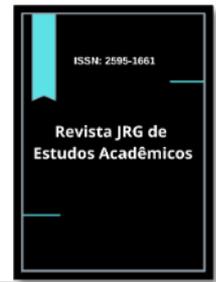
ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Subjetividade e identidade na velhice – o envelhecer e identidades LGBTQIA+

Subjectivity and identity in old age – aging and LGBTQIA+ identities

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.2353

ARK: 57118/JRG.v8i18.2353

Recebido: 28/07/2025 | Aceito: 04/08/2025 | Publicado *on-line*: 05/08/2025

José Francisco de Sousa¹

<https://orcid.org/0000-0002-1890-7933>

<http://lattes.cnpq.br/4588079979758299>

Universidade de Brasília

E-mail: francisco1965@gmail.com



Resumo

Este artigo investiga a construção da identidade e as estratégias de resistência em idosos LGBTQIA+ diante dos processos de invisibilidade social, afetiva e política que marcam suas vivências na velhice. A partir de uma abordagem qualitativa e fenomenológica, com base em entrevistas narrativas, busca-se compreender como esses sujeitos afirmam ou silenciam suas identidades em contextos atravessados por homofobia, transfobia e etarismo. O estudo ancora-se na Teoria das Representações Sociais e nos Estudos Interseccionais, permitindo analisar os efeitos subjetivos da exclusão e os modos de reinvenção pessoal e coletiva construídos por essa população. Os resultados evidenciam que, mesmo diante da exclusão institucional e da negligência histórica, muitos idosos LGBTQIA+ desenvolvem práticas de pertencimento e resistência que desafiam os discursos normativos sobre envelhecimento e sexualidade, indicando a urgência de políticas públicas inclusivas e de uma atuação psicológica sensível à diversidade. A pesquisa contribui para ampliar os horizontes da psico-gerontologia, inserindo novas narrativas sobre o envelhecer e reafirmando o direito à visibilidade, ao cuidado e à dignidade na velhice dissidente.

Palavras-chave: velhice LGBTQIA+; identidade; resistência; interseccionalidade; invisibilidade social

Abstract

This article investigates the construction of identity and strategies of resistance among LGBTQIA+ older adults facing processes of social, affective, and political invisibility that shape their experiences in old age. Based on a qualitative and phenomenological approach, through narrative interviews, the study aims to understand how these individuals affirm or silence their identities in contexts marked by homophobia,

¹ Graduado em Psicologia, Letras, administração, Biologia e Direito. Especialista em Análise do Comportamento, Psicologia Experimental, Psicologia Clínica, Psico-Gerontologia e Análise do Comportamento Aplicada. Mestre em Educação (UnB).

transphobia, and ageism. The theoretical framework draws on Social Representations Theory and Intersectionality Studies, allowing for an analysis of the subjective effects of exclusion and the modes of personal and collective reinvention developed by this population. The findings reveal that, despite institutional marginalization and historical neglect, many LGBTQIA+ elders build networks of belonging and resilience that challenge normative discourses on aging and sexuality. This research contributes to expanding the field of psycho-gerontology by incorporating new narratives about aging and reaffirming the right to visibility, care, and dignity in dissident old age.

Keywords: LGBTQIA+ aging; identity; resistance; intersectionality; social invisibility.

1. Introdução

A velhice, enquanto construção histórica, cultural e subjetiva, é com frequência atravessada por discursos sociais normativos que projetam sobre os corpos idosos representações de declínio, inatividade e neutralidade afetivo-sexual. Quando articulada à vivência de identidades LGBTQIA+, a velhice adquire ainda mais camadas de invisibilidade, exclusão e silenciamento. Os sujeitos que dissidem das normas de gênero e sexualidade são, ao longo da vida, expostos a diversas formas de violência simbólica e material, e, ao envelhecerem, encontram-se muitas vezes em condições ainda mais precárias, seja por ausência de vínculos familiares tradicionais, seja pela negligência de políticas públicas sensíveis às suas especificidades. A ideia de que não existem gays, lésbicas, bissexuais ou pessoas trans idosas ainda perpassa o imaginário social, como se a dissidência sexual e de gênero fosse incompatível com o envelhecer. Essa ausência de reconhecimento produz um apagamento sistemático dessas subjetividades, tanto na sociedade quanto nos serviços de saúde, assistência e acolhimento (Fredriksen-Goldsen & Muraco, 2010; Rabelo & Pelúcio, 2021).

A experiência da velhice é multifacetada e historicamente marcada por narrativas hegemônicas que a associam à perda, ao declínio e à marginalização. No entanto, quando essa etapa do ciclo vital é vivida por pessoas LGBTQIA+, tais narrativas adquirem contornos ainda mais complexos, atravessadas por múltiplos eixos de exclusão social. No Brasil, país com altos índices de violência contra pessoas LGBTQIA+, a população idosa dissidente de gênero e sexualidade encontra-se em um campo de intensa invisibilidade social, afetiva e política. O envelhecimento de sujeitos LGBTQIA+ é, com frequência, silenciado por discursos biomédicos normativos, por práticas institucionais excludentes e pela ausência de políticas públicas sensíveis à diversidade. Essa realidade demanda uma análise crítica e interseccional da velhice, que não apenas reconheça os desafios enfrentados por esses indivíduos, mas também valorize suas trajetórias de resistência e reinvenção subjetiva. A partir dessa problemática, este estudo propõe-se a investigar os modos como idosos LGBTQIA+ constroem, afirmam ou ocultam suas identidades no processo de envelhecimento, considerando os atravessamentos do preconceito, da solidão e da afirmação de si.

O objetivo geral da pesquisa é compreender os sentidos atribuídos à identidade na velhice por pessoas LGBTQIA+, analisando as estratégias subjetivas de resistência e os mecanismos sociais que produzem sua invisibilidade. Como objetivos específicos, pretende-se: a) identificar as formas de pertencimento e exclusão vividas por esses sujeitos ao longo da vida e na velhice; b) mapear as estratégias de enfrentamento utilizadas diante da marginalização institucional e afetiva; e c) discutir os efeitos psicossociais da invisibilidade sobre a construção da

subjetividade. Com isso, busca-se ampliar o campo da psico-gerontologia por meio da incorporação de experiências historicamente negligenciadas e propor um reposicionamento ético e político da psicologia diante das demandas dessa população. A relevância da pesquisa está no fato de que, apesar do crescimento das discussões sobre diversidade sexual e de gênero, a velhice LGBTQIA+ ainda é pouco explorada, tanto nas pesquisas acadêmicas quanto nas práticas clínicas e nos programas de assistência social.

Neste contexto, esta pesquisa propõe analisar os sentidos subjetivos atribuídos à identidade e à experiência do envelhecimento por idosos LGBTQIA+, com ênfase nas estratégias de resistência e afirmação identitária diante dos processos de silenciamento social. Trata-se de investigar como esses sujeitos constroem suas narrativas de si, enfrentam o preconceito, produzem redes de cuidado e mantêm ativa a afirmação de suas singularidades em uma fase da vida marcada por fragilidades, mas também por potência. O estudo visa, ainda, identificar os atravessamentos sociais, culturais e institucionais que modulam a vivência da velhice entre essa população, contribuindo para a produção de conhecimento que subsidie práticas mais inclusivas e humanizadas na psicologia, na gerontologia e em políticas públicas voltadas ao envelhecimento. Com isso, almeja-se ampliar o campo de visibilidade e reconhecimento das múltiplas formas de existir na velhice, rompendo com o modelo hegemônico que privilegia apenas identidades heterocisnormativas.

A metodologia adotada fundamenta-se em uma abordagem qualitativa, de base fenomenológica, com foco na compreensão profunda das vivências subjetivas dos participantes. Pretende-se realizar entrevistas narrativas com pessoas idosas autodeclaradas LGBTQIA+, com mais de 60 anos, buscando acessar suas histórias de vida, suas experiências de envelhecimento e suas percepções sobre pertencimento e identidade. A análise dos dados será conduzida por meio da análise temática, com base em Braun e Clarke (2006), que permite identificar padrões de sentido recorrentes nos relatos e explorar suas nuances. A seleção dos participantes será intencional, respeitando critérios éticos de confidencialidade, sigilo e escuta empática. Além disso, será considerado o contexto social, cultural e institucional no qual essas subjetividades foram construídas, possibilitando uma leitura ampliada dos significados atribuídos ao envelhecer em dissidência

Do ponto de vista teórico, este estudo ancora-se em duas principais vertentes: a Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978) e os Estudos Interseccionais (Crenshaw, 1989; Bento, 2017). A primeira possibilita compreender como as construções sociais sobre velhice, sexualidade e gênero moldam os modos de ser e de estar no mundo dos sujeitos LGBTQIA+ idosos. Já a interseccionalidade permite analisar como diferentes marcadores — como idade, gênero, sexualidade, classe e raça — se entrecruzam na produção das desigualdades e das subjetividades. A articulação entre essas abordagens permite não apenas dar visibilidade a essas experiências historicamente silenciadas, mas também fomentar uma psicologia comprometida com a justiça social e com a valorização da diversidade. Assim, a presente pesquisa contribui para o fortalecimento de práticas clínicas, políticas e acadêmicas mais inclusivas, humanizadas e éticas diante do desafio de compreender e acolher as velhices LGBTQIA+.

A relevância desta pesquisa está ancorada na urgência de compreender as intersecções entre velhice, sexualidade e identidade de gênero a partir de uma perspectiva crítica e antinormativa. Em um país como o Brasil, onde a violência contra pessoas LGBTQIA+ ainda é alarmante e onde políticas de cuidado à população idosa pouco consideram as diversidades sexuais e de gênero, é fundamental dar voz a

esses sujeitos e reconhecer a legitimidade de suas trajetórias. A abordagem proposta permite desnaturalizar discursos medicalizantes e moralizantes sobre a velhice, ao mesmo tempo em que contribui para o avanço das discussões sobre cidadania sexual na terceira idade. Compreender as formas pelas quais esses idosos resistem ao apagamento simbólico e produzem sentidos para si mesmos é também afirmar a centralidade da subjetividade na construção de uma velhice digna, autêntica e politicamente situada.

1. 2. O desejo silenciado: a vivência da sexualidade em idosos e o impacto do etarismo invisível

O envelhecimento humano é uma experiência multifacetada, atravessada por fatores biológicos, culturais, subjetivos e relacionais que redefinem continuamente o modo como o indivíduo se reconhece no mundo. Entretanto, na contemporaneidade, essa experiência tem sido fortemente marcada por discursos e práticas que tendem a marginalizar e silenciar dimensões importantes da existência do idoso, entre elas a sexualidade. A concepção social predominante do envelhecimento associa essa etapa da vida a uma suposta "assexualidade natural", apagando o desejo e negando aos idosos o direito ao erotismo, ao prazer e ao afeto. Tal invisibilização é sustentada pelo etarismo — preconceito baseado na idade — que, de maneira sutil ou explícita, deslegitima a expressão da sexualidade na velhice, seja no campo institucional, familiar ou nos espaços midiáticos e clínicos (DeLamater & Koepsel, 2015; Wada et al., 2021).

A sexualidade na velhice permanece um tema negligenciado, tanto nas políticas públicas de saúde quanto na formação dos profissionais da área psicossocial, o que resulta em uma abordagem predominantemente biomédica e patologizante das mudanças sexuais decorrentes do processo de envelhecimento. Além disso, essa lacuna dificulta o reconhecimento da sexualidade como dimensão vital da identidade e do bem-estar psíquico dos idosos. Estudos recentes demonstram que muitos idosos continuam a experimentar o desejo sexual, o prazer e o erotismo, ainda que enfrentem desafios físicos ou relacionais, sendo que o maior obstáculo frequentemente provém da percepção social negativa sobre sua vida íntima (Fileborn et al., 2020; Hillman, 2022). A manutenção da intimidade afetiva e sexual, nestes casos, está menos relacionada à performance e mais ao vínculo, ao carinho e ao reconhecimento de si como sujeito desejante — o que rompe com os modelos normativos de sexualidade ancorados na juventude, na genitocentria e na heteronormatividade.

Este cenário revela a importância de problematizar as representações sociais da sexualidade na velhice e seus efeitos sobre a constituição da subjetividade dos idosos. Quando a sociedade impõe ao idoso uma posição de silêncio em relação ao corpo, ao desejo e à intimidade, contribui para a construção de uma identidade atravessada por culpa, vergonha e autorrepressão. A ausência de escuta empática e de espaços de legitimação da vivência sexual na velhice fragiliza a autoestima, intensifica o isolamento e pode potencializar quadros de sofrimento psíquico, como a depressão e a ansiedade (Lindau & Gavrilova, 2010; Almeida et al., 2022). Assim, este artigo propõe investigar, a partir de uma abordagem qualitativa, como os idosos vivenciam sua sexualidade diante de um contexto social que frequentemente desvaloriza ou ridiculariza essa dimensão de sua existência. A análise será orientada pela compreensão de que o desejo não se encerra com a idade, mas se transforma, exigindo escuta, acolhimento e ressignificação nas práticas clínicas e sociais.

1. 3. Velhice como reinvenção: sentidos subjetivos da identidade na fase idosa da vida

O envelhecimento, historicamente associado a perdas, declínios e encerramentos, vem sendo ressignificado nas últimas décadas à luz de novas compreensões sobre o desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital. Embora ainda prevaleçam discursos que tratam a velhice como uma fase de “fim”, marcada pela passividade e dependência, cresce o reconhecimento de que a experiência de envelhecer pode constituir um espaço potente de reconstrução identitária, reinvenção de si e redirecionamento de projetos de vida. Essa perspectiva rompe com a linearidade do desenvolvimento humano e abre espaço para uma abordagem processual, dinâmica e subjetiva da identidade na velhice, em que aspectos como memória, afeto, corporeidade e tempo adquirem novos significados (Coudin & Alexopoulos, 2021; Tornstam, 2005).

A subjetividade na velhice não se apresenta de forma homogênea, mas sim como resultado de um entrelaçamento singular entre biografia, história social e condições materiais. Os sentidos que os indivíduos atribuem ao envelhecer são atravessados pelas experiências acumuladas, pelas perdas e conquistas vividas, mas também pela forma como são reconhecidos — ou não — pelos outros e pelas instituições. A identidade do idoso se constitui, portanto, em um campo de disputa simbólica e afetiva, marcado pela tensão entre o modo como ele se vê e o modo como é visto socialmente. Tal tensão é ainda mais evidente em contextos onde o idoso é desvalorizado, infantilizado ou excluído dos espaços produtivos e decisórios da sociedade (Beauvoir, 2020; Holstein & Minkler, 2003).

Dessa forma, a velhice pode ser compreendida não apenas como um momento de declínio, mas como uma fase com potencial de reinvenção identitária. Muitos idosos relatam que, ao se aposentarem ou ao se afastarem de obrigações familiares intensas, passam a se redescobrir, explorando novas formas de estar no mundo, engajando-se em atividades que lhes proporcionam prazer e sentido, retomando antigos sonhos ou estabelecendo novos objetivos. Essa possibilidade de reinvenção é facilitada quando se dispõe de redes de apoio, recursos emocionais e contextos culturais que valorizem a experiência do envelhecer. Em contrapartida, a ausência desses fatores pode dificultar esse processo e intensificar sentimentos de vazio e desamparo (Carvalho et al., 2023; Ryff et al., 2021).

Nesse contexto, é urgente compreender os processos subjetivos que envolvem a construção da identidade na velhice, considerando tanto os fatores individuais quanto as mediações culturais e históricas que moldam essa vivência. A psicologia, particularmente em suas abordagens desenvolvimentistas e fenomenológicas, pode oferecer contribuições relevantes para pensar a velhice como etapa de transformação e continuidade, e não como ruptura. Este artigo propõe investigar como idosos(as) têm ressignificado sua identidade nessa fase da vida, considerando os sentidos atribuídos ao envelhecer, as estratégias de enfrentamento frente às perdas e as possibilidades de reinvenção do eu diante das mudanças impostas pelo tempo. Tal abordagem permite um olhar mais complexo e humanizado sobre a velhice, promovendo práticas clínicas e sociais mais sensíveis à diversidade da experiência idosa.

2. 4. Velhices invisibilizadas: identidades e resistência em idosos LGBTQIA+

A vivência da velhice para pessoas LGBTQIA+ ocorre em um cenário marcado por múltiplas camadas de exclusão, atravessado por preconceitos estruturais que operam tanto por meio da homofobia e da transfobia quanto por meio do etarismo — o preconceito contra pessoas idosas. Ao longo da vida, muitos sujeitos LGBTQIA+ enfrentam trajetórias de marginalização, rejeição familiar, violência simbólica e dificuldades de acesso a direitos básicos, o que impacta diretamente a forma como experienciam o envelhecimento. Na velhice, esses marcadores de exclusão não apenas persistem, mas, muitas vezes, se intensificam, especialmente devido à invisibilidade social da população idosa LGBTQIA+, cuja sexualidade, afetividade e identidade de gênero são frequentemente ignoradas ou deslegitimadas nos discursos biomédicos, nas políticas públicas e nos espaços sociais e institucionais (Fredriksen-Goldsen & Muraco, 2010; Espinoza, 2022).

Esse cenário evidencia o quanto o envelhecimento para essa população demanda um olhar interseccional que reconheça a sobreposição de opressões — de gênero, sexualidade e idade — e como elas afetam os processos identitários, o bem-estar subjetivo e a constituição da subjetividade desses sujeitos. A literatura aponta que muitos idosos LGBTQIA+ vivem o envelhecimento de forma solitária, sem apoio familiar e com acesso limitado a serviços sensíveis às suas demandas. Isso contribui para o adoecimento físico e psíquico, bem como para o enfraquecimento das redes de suporte e pertencimento, que são cruciais para uma velhice ativa e digna (King et al., 2021; Bento, 2017). Em contraste, surgem também formas de resistência e afirmação identitária: muitos idosos LGBTQIA+ encontram no associativismo, nos grupos comunitários e nos coletivos de memória espaços de reinvenção de si, reconstrução da autoestima e produção de novos vínculos afetivos baseados na empatia, no cuidado e na solidariedade.

A identidade na velhice LGBTQIA+ deve, portanto, ser compreendida como um campo de tensão entre a experiência subjetiva e as representações sociais hegemônicas sobre o envelhecimento e a dissidência sexual e de gênero. Ainda hoje, a maioria das políticas públicas voltadas à população idosa é orientada por uma concepção heteronormativa e cisgênero, desconsiderando as especificidades da vivência LGBTQIA+. Como resultado, muitos idosos LGBTQIA+ se veem compelidos a retomar o “armário”, ocultando sua identidade por medo de discriminação em instituições de saúde, lares geriátricos ou mesmo em suas comunidades de origem. Essa prática de silenciamento e autoapagamento é vivida como forma de autopreservação, mas gera sofrimento psíquico e sensação de invisibilidade social (Witten, 2016; Rabelo & Pelúcio, 2021).

Assim, compreender os sentidos da identidade e da subjetividade na velhice LGBTQIA+ é uma tarefa ética e científica de grande relevância, especialmente em um país como o Brasil, onde essa população enfrenta altos índices de violência, discriminação institucional e negligência nas políticas de cuidado. Este artigo propõe uma análise qualitativa dos processos de subjetivação de pessoas idosas LGBTQIA+, investigando como elas constroem, afirmam ou silenciam suas identidades diante do envelhecimento e das pressões sociais normativas. A partir da Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1978) e dos estudos interseccionais contemporâneos, busca-se lançar luz sobre as estratégias de resistência, pertencimento e ressignificação que emergem nos discursos e nas práticas desses sujeitos, contribuindo para uma compreensão mais ampla, plural e politicamente comprometida da velhice.

5. Considerações Finais

A análise da velhice LGBTQIA+ a partir de uma perspectiva interseccional revela um cenário profundamente marcado pela invisibilidade, pelo silenciamento e pela exclusão histórica dessa população. A sociedade contemporânea, ainda pautada por valores heteronormativos e por uma concepção biologicista e limitadora do envelhecimento, tende a negar a existência de uma velhice dissidente, relegando os sujeitos LGBTQIA+ idosos a uma zona de não-reconhecimento social. Tal invisibilidade opera não apenas no plano simbólico, mas também nas políticas públicas, nos serviços de saúde, nos espaços comunitários e nos discursos hegemônicos sobre a sexualidade e o envelhecer. Nessa lógica, a identidade desses sujeitos é constantemente colocada em xeque, quando não negada, o que gera impactos significativos na sua saúde mental, na autoestima e nas possibilidades de pertencimento.

Entretanto, apesar da marginalização, muitos idosos LGBTQIA+ constroem trajetórias de resistência e reinvenção subjetiva. As estratégias desenvolvidas por esses sujeitos — seja por meio do associativismo, das redes de apoio afetivo, dos espaços culturais ou das práticas de autocuidado — indicam formas ativas de enfrentamento à exclusão e à normatividade. A reivindicação do direito de existir com plenitude, inclusive na velhice, configura-se como ato político e ético, que desafia os discursos que confinam essas vidas à abjeção ou à infância eterna. Ao fazerem isso, essas pessoas não apenas reafirmam suas identidades, mas também produzem novos sentidos para a própria experiência de envelhecer, ampliando as possibilidades de reconhecimento e cidadania para todos os corpos e subjetividades que fogem à norma.

Reconhecer essas narrativas e essas práticas é essencial para o campo da psicologia e da psico-gerontologia, pois permite problematizar os modelos de cuidado centrados em estereótipos de velhice “neutra”, “assexuada” ou exclusivamente normativa. Nesse sentido, a clínica e a pesquisa precisam se abrir à escuta ética dessas vivências, acolhendo a complexidade da identidade e os processos de subjetivação que atravessam a velhice LGBTQIA+. Isso implica não apenas atender às especificidades dessa população, mas também repensar os próprios marcos teóricos e epistemológicos que estruturam a forma como a velhice é concebida nos campos da saúde e das ciências humanas. Há urgência em desconstruir paradigmas que reforçam o apagamento e propor abordagens que valorizem a diversidade como elemento constitutivo da experiência humana, inclusive na terceira idade.

Por fim, é preciso destacar que a luta pelo reconhecimento das velhices LGBTQIA+ não diz respeito apenas a uma reparação histórica, mas também à construção de um futuro mais justo e plural. Uma sociedade verdadeiramente democrática deve garantir que todas as pessoas possam envelhecer com dignidade, visibilidade e direito à diferença. Isso exige políticas públicas inclusivas, formação profissional crítica e sensível, além de mudanças culturais profundas que desnaturalizem o preconceito e valorizem a multiplicidade de modos de ser e viver. Ao lançar luz sobre essas vidas invisibilizadas, contribuimos para que o envelhecimento seja não um apagamento do sujeito, mas, ao contrário, uma oportunidade de reinvenção, potência e continuidade da vida em sua plena complexidade.

Referências

- Almeida, P. A., Santos, T. R., & Ferreira, G. A. (2022). Sexualidade na velhice: significados e enfrentamentos no processo de envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 25(1), e220019. <https://doi.org/10.1590/1981-22562022025.220019>
- Beauvoir, S. de. (2020). *A velhice* (11ª ed.). Nova Fronteira.
- Bento, B. (2017). *A reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual*. UFMG.
- Coudin, G., & Alexopoulos, T. (2021). Ageing and identity: A socio-cognitive approach to ageing and reinvention. *Ageing & Society*, 41(3), 616–632. <https://doi.org/10.1017/S0144686X19000932>
- DeLamater, J., & Koepsel, E. (2015). Relationships and sexual expression in later life: A biopsychosocial perspective. *Sexual and Relationship Therapy*, 30(1), 37–59. <https://doi.org/10.1080/14681994.2014.939506>
- Espinoza, R. (2022). In the margins: The challenges of aging LGBTQ+ populations. *The Gerontologist*, 62(2), 179–187. <https://doi.org/10.1093/geront/gnab105>
- Fileborn, B., Thorpe, R., Hawkes, G., Minichiello, V., & Pitts, M. (2020). Sex, desire and pleasure: Considering the experiences of older Australian women. *Culture, Health & Sexuality*, 22(3), 253–267. <https://doi.org/10.1080/13691058.2019.1582471>
- Fredriksen-Goldsen, K. I., & Muraco, A. (2010). Aging and sexual orientation: A 25-year review of the literature. *Research on Aging*, 32(3), 372–413. <https://doi.org/10.1177/0164027509360355>
- Hillman, J. L. (2022). *Sexuality and aging: Clinical perspectives*. Routledge.
- Holstein, M. B., & Minkler, M. (2003). Self, society, and the “new gerontology”. *The Gerontologist*, 43(6), 787–796. <https://doi.org/10.1093/geront/43.6.787>
- Lindau, S. T., & Gavrilova, N. (2010). Sex, health, and years of sexually active life gained due to good health: Evidence from two US population-based cross-sectional surveys of aging. *BMJ*, 340, c810. <https://doi.org/10.1136/bmj.c810>
- King, D. S., Hughes, T. L., & Brown, E. (2021). Aging with pride: Mental health and resilience among LGBTQ older adults. *Journal of Homosexuality*, 68(4), 632–648. <https://doi.org/10.1080/00918369.2019.1708662>
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Zahar.
- Rabelo, A. M. L., & Pelúcio, L. (2021). Velhices LGBTQIA+: invisibilidade, resistência e direito à diferença. *Revista Estudos Feministas*, 29(1), e62301. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n162301>

- Ryff, C. D., Radler, B. T., & Friedman, E. M. (2021). Persistent psychological well-being predicts improved self-rated health over 9–10 years: Longitudinal evidence from MIDUS. *Health Psychology, 40*(2), 110–120. <https://doi.org/10.1037/hea0001049>
- Tornstam, L. (2005). *Gerotranscendence: A developmental theory of positive aging*. Springer Publishing Company.
- Wada, M., Ikeda, M., & Koyano, W. (2021). Ageism and sexual well-being among older adults: A scoping review. *Archives of Gerontology and Geriatrics, 95*, 104406. <https://doi.org/10.1016/j.archger.2021.104406>
- Witten, T. M. (2016). Aging and transgender bisexuals: Exploring the intersection of age, bisexual sexual identity, and transgender identity. *Journal of Bisexuality, 16*(1), 58–80. <https://doi.org/10.1080/15299716.2015.1028653>